

# A Formação de identidade psicológica e pós-moderna numa perspectiva interacionista

Ruben de Oliveira Nascimento<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB / Vitória da Conquista (BA)  
rubennascimento@terra.com.br

***Abstract.** This article intends to discuss the connection between the formation of the psychological identity and postmodernity. It analysis the psychological constitution of the person and the postmodern notion of subject as variables components of the same psychosocial process.*

***Keywords.** formation of the psychological identity; postmodernity; individual.*

***Resumo.** Este artigo visa discutir sobre a relação entre formação de identidade psicológica e pós-modernidade, analisando a constituição psicológica de indivíduo e a noção de sujeito pós-moderno fragmentado, como variáveis componentes de um mesmo processo psicossocial.*

***Palavras-chave.** formação de identidade psicológica; pós-modernidade; indivíduo.*

## 1. Introdução

Nos estudos sobre Pós-Modernidade, a questão da *Identidade* tem sido muito discutida. Hall explica a problemática que envolve essa discussão, assinalando que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. (HALL, 2005, p. 7)

Nesse artigo, queremos abordar o problema da Identidade na Pós-Modernidade tratando da formação da identidade psicológica e examinando as múltiplas identidades e a fragmentação do sujeito pós-moderno, como variáveis de uma mesma reação psicológica do indivíduo frente a um mundo plural com o qual precisa ou deve interagir como indivíduo.

## 2. Identidade e Pós-Modernidade

Para nossas reflexões sobre Identidade e Pós-Modernidade, partiremos da perspectiva de Maffesoli (2004) sobre pós-modernidade. Esse autor explica o que se pode chamar de pós-modernidade como “um processo que repousa na saturação, num dado momento, dos valores que regeram, durante um período mais ou menos longo, o estar-juntos social” (MAFFESOLI, 2004, p. 11). O discurso moderno que determinava “[...] de que maneira convinha pensar, de que maneira convinha agir” (MAFFESOLI, 2004, p. 15), baseado numa racionalidade que exaltou sobremaneira o indivíduo, prometeu concertar a sociedade, melhorar a vida e resolver os problemas humanos pelo conhecimento científico e pela tecnologia, também excluiu, dividiu, marginalizou; e o homem continuou com suas necessidades mal atendidas ou

supridas. A soma dos resultados vem gerando um desgaste da racionalidade moderna, permitindo o surgimento de outro período de construção social via confronto, recomposição e resignificação, como aponta Maffesoli

É com isso em mente que podemos compreender o estado nascente do que se convencionou chamar de pós-modernidade. Não se trata de um desvio inútil, pois que nada nasce “*ex nihilo*” [...] Não existem começos nem fins abruptos. Quando os diversos elementos que compõem uma determinada entidade já não podem, por desgaste, incompatibilidade, fadiga, etc., permanecer juntos, eles entram de diversas maneiras numa outra composição e, desse modo, favorecem o nascimento de uma outra entidade. Foi esse o processo que levou à emergência da “pós-medievalidade”, que em seguida foi chamada de modernidade. Foi também isso que, antes que lhe encontrássemos um nome adequado, presidiu a elaboração da pós-modernidade. Saturação-recomposição. Talvez essa seja a única lei que podemos identificar no curso caótico das histórias humanas! (MAFFESOLI, 2004, p. 20 – *grifo do autor*)

Essa outra composição tem sido feita na base da impermanência, da mudança e na busca particular de sentido sobre o mundo; constituindo assim um quadro social de recomposição de valores e paradigmas vigentes na busca pelo estabelecimento de múltiplas percepções da realidade procurando se firmar no espaço social.

Esta recomposição tem sido vista como alicerçada na diversidade, na diferença, no múltiplo. Hall explica esse quadro dizendo que

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no fim do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2005, p. 9)

Nesse contexto, Hall assinala que assim instala-se uma crise de identidade uma vez que o que antes estava centrado e estável, não o está mais – isso gera um sujeito fragmentado. Esse seria o sujeito pós-moderno: não possuindo uma identidade essencial ou permanente (HALL, 2005).

No âmbito psicológico, esse indivíduo vivenciaria o quadro de transformação social e de incerteza sobre os paradigmas antes estáveis e vigentes, com movimentos de afastamento ou de progressivo fortalecimento da individualidade, face à incerteza do mundo em mudança.

Nesse sentido, Mancebo (1999) comenta que

Vivemos hoje situações cada vez mais intensamente construídas como individuais e “interiores”. Diante da crescente insegurança no cotidiano, os espaços privados de autoproteção proliferam (*shoppint-centers*, condomínios fechados, etc). Pode-se afirmar que o espaço público está desaparecendo, protegido policial e tecnologicamente contra a crescente violência urbana, em prol de um fechamento individual cada vez mais acentuado. Os “interiores” expressam-se, sobretudo, em solitários e herméticos inconscientes ou personalidades, tornando a vida privada uma conquista individual à margem do social e da história [...] Levado a encontrar o sentido do mundo a partir de si próprio, o indivíduo volta-se para a elaboração cada vez mais elaborada de sua própria individualidade, fecha-se em sua particularidade, considerando a liberdade, principalmente, como a possibilidade de cultivar seus interesses privados [...] (MANCEBO, 1999, p. 43-44 – *grifos da autora*)

Assim, contexto social e indivíduo misturam-se interativamente, simbólica e subjetivamente, buscando vias de manutenção psicológica, sobrevivência e adaptação em tempos de mudanças rápidas, confrontação de valores e paradigmas e transformações de sentidos de ser e de estar-juntos socialmente. Esse quadro gera implicações na formação da identidade, constituindo concepções de sujeito. Como aponta Hall, o sujeito

previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2005, p. 12-13, *grifo do autor*).

Não apenas o mundo social muda, mas também a conceitualização de sujeito modifica-se conforme o contexto social e a representação de indivíduo que ela evoca em sua época. Queremos refletir sobre esse aspecto de transitoriedade da identidade, focalizando não a concepção de sujeito, mas a concepção psicológica de identidade, procurando analisar a questão do estável/instável, do único/múltiplo que permeia todos os apontamentos acima mostrados, examinando essa ambivalência dentro da noção de formação da identidade psicológica num mundo pós-moderno.

### **3. Identidade no Âmbito Psicológico**

Para nossas reflexões adotaremos a noção de **identidade**, no âmbito psicológico, como um processo contínuo de elaboração de “um conceito estável de si mesmo como indivíduo único e a adoção de uma ideologia ou sistema de valores que proveja um senso de direção” (WEITEN, 2002, p. 328), ou um processo no qual “formamos a nossa auto-imagem, a integração das idéias sobre nós mesmos e o que os outros pensam sobre nós” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2002, p. 211). Um de seus componentes dinamizadores seria o processo de identificação com o outro ou com modelos de referência. Seu desenvolvimento envolveria a busca por auto-afirmação, assunção de papéis e inserção efetiva na estrutura social, formando-se princípios e valores orientadores de conduta, auto-imagem e autoconceito, resultando, em geral, numa afirmação pessoal e social de que se é alguém, e de que ocupa um lugar no mundo.

Segundo Jacques (1998), “os estudos sobre identidade no âmbito psicológico passam, em geral, pela Psicologia Analítica do Eu e pela Psicologia Cognitiva. Em comum caracterizam o desenvolvimento por estágios crescentes de autonomia, e consideram a identidade como gerada pela socialização e garantida pela individualização”. (JACQUES, 1998, p. 160). Jacques ainda assinala que “o vocábulo identidade evoca tanto a qualidade do que é idêntico, igual, como a noção de um conjunto de caracteres que fazem reconhecer um indivíduo como diferente dos demais” (JACQUES, 1998, 164).

Longe de ser um processo simples, a formação da identidade psicológica geralmente é um acontecimento sofrido, conflituoso, tenso e elaborado em meio a crises. Sobre isso, Teles comenta que

[...] para que o indivíduo cresça, se torne adulto, maduro, emocional e socialmente, é preciso expandir o seu eu, afirmá-lo, reforçá-lo. E isso ele só consegue através de um rompimento com o passado, da estruturação de seus próprios caminhos e a delineação de seus próprios objetivos e valores. [...] O indivíduo começa a descobrir a si próprio, ou melhor, faz nova descoberta do seu eu pessoal e social. (TELES, 2001, p. 123)

Portanto, é preciso pelo menos o delineamento de objetivos e valores próprias para a constituição do processo de formação de identidade psicológica.

### **4. Formação de Identidade Psicológica e Contexto Pós-Moderno**

A noção de identidade no âmbito psicológico implica em construção de um senso de direção, de uma estrutura psicológica e emocional que possa prover certa noção de equilíbrio

de atitudes, valores e princípios norteadores para que o indivíduo consiga assumir a vida adulta e social que lhe é requerida pelo desenvolvimento físico, psicológico e social a que todos estamos sujeitos, elaborando um quadro psicológico mais ou menos estável de si mesmo diante do mundo e dos outros.

Contudo, como aponta Jacques, a identidade psicológica “é gerada pela socialização e garantida pela individualização” (JACQUES, 1998, p. 160). Isto sugere que os processos de socialização que orienta modos de inserção social, e o processo de formação de identidade psicológica, que solicita a constituição de valores e princípios norteadores na construção da diferença entre um indivíduo e outro, de certo modo se completariam ou se complementariam. De certo, a estabilidade psicológica do indivíduo deverá interagir com o processo de socialização de indivíduos estabelecido pela sociedade e seus apelos ou imperativos ideológicos e culturais. A formação de identidade psicológica se dá por meio de crises, também por conta desse embate entre forças psicológicas e sociais no desenvolvimento da individualidade, que é componente psicológico de todo sujeito.

No contexto pós-moderno esse embate é muito intenso, por conta da diversidade, da impermanência e da rapidez das mudanças que ocorrem no cotidiano. A formação de identidade psicológica nesse contexto é desafiado no aprendizado da convivência com o diferente, na assimilação cognitiva das mudanças rápidas e na significação do mundo em constante transformação de princípios, valores e normas antes mais fixas e estáveis. Queremos com isso dizer que o sujeito precisa de um conjunto de valores e princípios psicologicamente estáveis para manter-se indivíduo (indivisível ou constante) diante do mundo e dos outros (diferente); e para se ver como indivíduo em meio às representações psicológicas e sociais que experimenta ou vivencia. Por outro lado, interagindo com um contexto sócio-cultural diversificado, múltiplo e até mesmo instável, precisa desenvolver esquemas psicológicos de inserção mais ou menos bem sucedidos dentro desse contexto e sua trama, para que se veja sendo alguém e ocupando um lugar no mundo. Em suma, o sujeito precisa ter certa estabilidade psicológica para formar sua identidade e ao mesmo tempo conviver com o plural, o incerto e o mutável do contexto social pós-moderno.

Esse embate não é simples, mas, de um ponto de vista interacionista podemos pelos menos vislumbrar possibilidades de análise do problema abordando a questão da seguinte maneira: o sujeito precisa de certa estabilidade psicológica para a formação de sua identidade, e ao mesmo tempo afirmar-se ou adaptar-se socialmente num mundo em constante transformação e impermanência. Os vetores estável e instável precisariam ser combinados de modo que o indivíduo sobreviva e ao mesmo tempo conviva. Para a solução desse problema, o indivíduo poderia elaborar uma **equação psicológica para esse embate**. Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss (2001), *equação* significa “igualdade entre duas expressões matemáticas que se verifica para determinados valores das variáveis; redução de uma questão, um problema intrincado, a pontos simples e claros, para facilitar a obtenção de uma solução”, e *equacionar* significa “pôr em equação; dispor (dados de um problema, uma questão) para encaminhar, para conduzir a solução; orientar (solução) por meio da disposição dos elementos, dos dados de um problema”. A equação psicológica que sugerimos deve resultar, diante do contexto pós-moderno, em orientar-se em direção a lugares e modos de ser dentro das inúmeras possibilidades de lugares e modos de ser que a pós-modernidade propõe ou produz. A fragmentação, portanto, não seria um resultado ruim, mas uma consequência dessa equação entre a sobrevivência psicológica do indivíduo (fundamentada em princípios e valores próprios mais ou menos estáveis) e a efetiva convivência social conforme as transformações da sociedade e sua pluralidade.

Nesse sentido, Jacques comenta

Pluralidade que, paradoxalmente, implica também em unicidade pois o indivíduo vai se igualando por totalidades conforme os vários grupos em que se insere (brasileiros ou estrangeiros, homens ou mulheres, etc) sem pressupor homogeneização: ao mesmo tempo que o indivíduo se representa semelhante ao outro a partir de sua pertença a grupos e/ou categorias, percebe sua unicidade a partir de sua diferença. Essa diferença é essencial para a tomada de consciência de si e é inerente à própria vida social, pois a diferença só aparece tomando como referência o outro. (JACQUES, 1998, p. 164 – *grifo da autora*).

Maffesoli assim comenta essa disposição psicológica do indivíduo, em termos sociológicos, apontando que um dos resultados do desgaste ou saturação da modernidade é a atual fragmentação da vida social em tribos (religiosas, culturais, sexuais, esportivas, etc) e a constituição de microentidades onde as pessoas possam conviver num clima de aceitação, acolhimento e afeto mútuo. Em termos sociais, essas microentidades, tribos e comunidades que se proliferam no contexto da Pós-Modernidade, se tocam apenas marginalmente, mas não se confundem e tão pouco se consideram mais importantes que a outra. Cada uma fundamentada em sua própria verdade, vivenciando um espaço comum de realização pessoal e estabilidade emocional.

Nesse sentido, o sujeito pós-moderno buscaria recompor a ordem saturada, elaborando outra composição, outro conjunto de ações e relações sociais. Elas estariam procurando, de algum modo, encontrar espaços e comunidades onde as necessidades humanas não satisfeitas pela razão da modernidade, pudessem ser supridas dentro de um grupo específico, acolhedor, unificador e sustentador de identidades. O gozo individual na pluralidade e na diversidade. Sobre isso, Maffesoli comenta que

O gozo não mais é remetido a hipotéticos e ‘róseos amanhã’, não mais é esperado num paraíso futuro, e sim vivido, seja lá como for, no presente. Nesse sentido, o presente pós-moderno liga-se à filosofia do ‘*Kairos*’, que enfatiza as ocasiões e as boas oportunidades, posto que a vida, de certo modo, não passa de uma sucessão de instantes eternos que convém viver aqui e agora, da melhor maneira possível”. (MAFFESOLI, 2004, p. 28 – *grifo do autor*).

O processo de formação de identidade psicológica, imbricada na construção de identidade cultural e social, poderia ter como um dos componentes dessa equação, mesmo que diante do apelo social pela pluralidade e pela convivência com o diferente, o estabelecimento interior de um conjunto essencial de valores e princípios próprios balizadores da noção de si, de que se é indivíduo em meio aos múltiplos estímulos sócio-culturais, para a sobrevivência psicológica e para a apreensão de contextos externos e adaptação social ao mesmo tempo, mesmo que temporariamente.

Mesmo que a noção de formação de identidade psicológica envolva também mudança, ou seja, se configure como um processo sempre em aberto acontecendo ao longo da vida, alguma noção de diferença enquanto indivíduos há de se estabelecer no interior do sujeito, para que até mesmo o movimento de mudança se apóie em alguns parâmetros conjecturais básicos para sua construção ou elaboração. Essas conjecturas seriam pessoais e fundamentais.

## **5. Comentários Finais**

Se a pessoa (da infância à idade adulta) em tempos pós-modernos tem que aprender a se situar no contexto atual para poder estabelecer relações, estudar, escolher profissão, trabalhar, comunicar-se, conviver com a diversidade, desenvolver vínculos, etc, para sobreviver e participar do mundo, acreditamos que valores e crenças próprias (conjecturas pessoais) deverão igualmente participar da construção dessas ações e interações. Isso quer dizer que essas pessoas em crescimento e desenvolvimento com o mundo que lhes cerca, deverão assimilar, significar e simbolizar suas experiências com esse mundo, como sujeitos

ativos, para equacionar a fórmula pessoal de resolução da formação de sua identidade diante de um mundo plural, diverso e impermanente, mesmo que provisoriamente. Significar o mundo (ou os mundos que se apresentam) para ser alguém e ocupar um lugar nele.

As pessoas, desse modo, possivelmente precisariam assumir na diversidade uma consciência de si e de mundo – conjecturas pessoais – capaz de produzir identidade, mesmo que temporariamente, equacionando da melhor maneira possível as possibilidades e impossibilidades de interação com os indicativos sociais.

No contexto pós-moderno a relação com o diferente apresenta-se de maneira polissêmica numa sociedade com múltiplas *vox populi*. Com isso, linguagem, imagem e comportamento, num quadro de múltiplas referências sociais, provavelmente serão elementos dessa equação psicológica de ser, estar e conviver na pós-modernidade. Uma forma de equação psicológica seria via pertencimento a grupos específicos de referência (tribos e comunidades), acolhedores e possibilitadores de certa unidade psicológica para o indivíduo.

Nesse sentido, entendemos que as múltiplas identidades que se apresentam no contexto da pós-modernidade, e o sujeito pós-moderno fragmentado, antes de representar atitude defensiva ou problemática psicológica num mundo plural, talvez seja uma necessária elaboração psicológica que os indivíduos acabam fazendo para construir formas de viver e conviver num mundo com múltiplas referências, incertezas, inseguranças e mudanças rápidas; traduzindo assim formas de ser e de estar eficientes o suficiente para dar um senso de direção pessoal e social ao indivíduo em meio ao que se apresenta plural.

Em suma, o indivíduo pós-moderno, como sujeito ativo em seu ambiente social, talvez procure encontrar sua própria *ordem* na *des-ordem* ou sua *singularidade* na *pluralidade*, mesmo que provisoriamente (uma vez que a vida é imprevisível e o crescimento abertura). Com isso, *formação de identidade psicológica* nos dias atuais e *sujeito pós-moderno fragmentado* podem ser vistos como variáveis componentes de um mesmo processo psicossocial cuja equação significaria a manutenção de um senso de identidade capaz de situar o indivíduo no contexto sócio-cultural vigente sem comprometer (ou destruir) uma integridade mínima necessária para uma organizada percepção de si, do outro e de seu lugar (ou lugares) no mundo, para uma interação eficiente com esse mundo e com os lugares, as linguagens e a diversidade que ele, atualmente, propõe ou impõe na produção das relações humanas pós-modernas.

## 6. Referências

- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LINGUA PORTUGUESA. Versão 1.0. Editora Objetiva, 2001.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- JACQUES, Maria da Graça C. Identidade. In: *Psicologia Social Contemporânea*. STREY, Marlene N. et al. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-167.
- MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a Pós-Modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.
- MANCEBO, Deise. Indivíduo e psicologia: gênese e desenvolvimentos atuais. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; MANCEBO, Deise (orgs). *Psicologia Social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 33-46.
- SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney E. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- TELES, Maria Luiza S. *Psicodinâmica do Desenvolvimento Humano*. 9 ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2001.

WEYTEN, Wayne. *Introdução à Psicologia: temas e variações*. 4 ed. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.